

ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DA SECA 2012

2º RELATÓRIO

13 DE MARÇO DE 2012



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
DO MAR, DO AMBIENTE
E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

Nota Introdutória	4
Súmula do Relatório	5
1. AVALIAÇÃO METEOROLÓGICA	7
1.1 Precipitação no Ano Hidrológico	7
1.2 Comparação com as secas mais graves em Portugal Continental desde 1980.....	11
1.3 Teor de Água no Solo	13
1.4 Cenário de evolução da seca para março 2012	13
2. AVALIAÇÃO HIDROLÓGICA.....	15
2.1 Recursos hídricos disponíveis	15
2.2 Convenção luso-espanhola	17
3. IMPACTO NA AGRICULTURA – Avaliação Regional	18
3.1 Região Norte	18
3.1.1 Prados, Pastagens, Culturas Forrageiras e Cereais de Outono/ Inverno	18
3.1.2 Sementeiras/Plantações e Recursos Hídricos.....	19
3.1.3 Citrinos, outras culturas arbóreas e Hortícolas	19
3.1.4 Produção Pecuária e Biomassa Piscícola	20
3.1.5 Risco de Incêndios.....	20
3.2 Região Centro.....	20
3.2.1 Prados, Pastagens e Culturas Forrageiras.....	21
3.2.2 Cereais de Outono/Inverno	21
3.2.3 Citrinos e Hortícolas	22
3.2.4 Recursos Hídricos	22
3.3 Lisboa e Vale do Tejo	22
3.3.1 Prados, Pastagens e Culturas Forrageiras.....	22
3.3.2 Cereais de outono/inverno	23
3.3.3 Citrinos e Hortícolas	23
3.3.4 Recursos hídricos	24
3.4 Alentejo.....	24
3.4.1 Prados, Pastagens e Culturas Forrageiras.....	24
3.4.2 Cereais de Outono/Inverno	24
3.4.3 Citrinos	25
3.4.4 Disponibilidade de água - regadios privados e abeberamento	25
3.4.5 Alimentos grosseiros para alimentação animal.....	25

3.5	Algarve	26
3.5.1	Prados, pastagens e culturas forrageiras	26
3.5.2	Cereais de Outono/Inverno	27
3.5.3	Citrinos	27
3.5.4	Alfarrobeira	28
3.5.5	Horticultura	28
4.	OUTROS IMPACTOS	28
4.1	Fitossanidade e seca	28
5.	CONSULTAS AO SETOR E MEDIDAS	29
	ANEXOS.....	30

Nota Introdutória

O Grupo de Acompanhamento e Avaliação dos Impactos da Seca 2012, prosseguiu a missão que lhe foi atribuída, apresentando os resultados do trabalho desenvolvido na segunda quinzena de fevereiro.

Este relatório incide essencialmente na caracterização meteorológica, hidrológica e agrícola.

A informação meteorológica e hidrológica foi atualizada a 29 de fevereiro e foi possível estimar quebras de produtividade das atividades com maior relevância no momento atual.

Alguns domínios citados no anterior relatório, na segunda quinzena de fevereiro, não registaram alterações merecedoras de nota pelo que não foram incluídos, embora continuem a ter uma monitorização atenta por parte dos serviços competentes.

Merece especial realce o facto de cinco organizações de agricultores terem sido auscultadas na reunião que o grupo realizou a 5 do mês corrente. As organizações ouvidas foram a CONFAGRI, CNA, CAP, AJAP e CNJ.

Revelou-se de grande utilidade para o ministério o conhecimento das principais preocupações destas entidades, relativamente às consequências que as condições meteorológicas estão a produzir no setor agrícola.

De igual modo foi relevante o conjunto de sugestões que posteriormente remeteram, com vista a transmitir a sua perspetiva das vias a adotar para colmatar ou atenuar as consequências da seca no rendimento dos agricultores.

Súmula do Relatório

As principais conclusões a realçar deste relatório são as que se seguem:

- Em 29 de fevereiro de 2012, 100% do território continental encontrava-se nas classes de seca mais graves de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI, 68% na classe de seca severa e 32% na de seca extrema, tendo-se verificado um agravamento da situação relativamente a 15 de fevereiro;
- A precipitação acumulada no ano hidrológico 2011/2012 no período de 1 de outubro de 2011 até 29 de fevereiro de 2012 é muito inferior ao respetivo valor da normal (1971-2000), mas ainda assim superior ao que se verificava no período homólogo de 2004/2005;
- O valor de armazenamento de água nas albufeiras verificado atualmente é de 69,5%, sendo a média para esta altura de 77,2%;
- A percentagem de água no solo, em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, apresentava, a 29 de fevereiro de 2012, valores inferiores a 50% em quase todo o território, sendo mesmo inferior a 40% em alguns locais da região Sul;
- Mantém-se ou tem-se mesmo agravado a disponibilidade de alimentos naturais para animais (forragens, prados e pastagens permanentes), continuando este sector a ser aquele em que mais se ressentem os efeitos da seca;
- Os produtores agrícolas continuam a recorrer às reservas destinadas ao período de verão e à aquisição de alimentos grosseiros (fenos, palhas e silagem) e a rações;
- Os preços dos alimentos grosseiros para animais – feno e palhas – têm aumentado;
- Existe uma tendência para que os criadores de gado reduzam o seu efetivo pecuário;
- Prosseguiu a necessidade de regar com mais intensidade do que é normal na época as culturas de regadio de outono/inverno (hortícolas e culturas permanentes, como os citrinos), com acréscimo de custos de produção (água e energia);
- Em muitas zonas já são visíveis as situações em que se vão verificar quebras de produção nos cereais de sequeiro de outono/inverno;
- Sobre as culturas permanentes ainda não há referências importantes a fazer em relação aos efeitos já mensuráveis, com exceção dos citrinos que registam quebras de produção e de qualidade dos frutos;
- Os impactos descritos nos pontos anteriores refletem-se já em quebras de produtividade sobre as quais existe uma primeira avaliação quantitativa no presente relatório (ver anexos);

- As avaliações quantitativas estão a ser prosseguidas através de uma metodologia sistemática pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas;
- A diminuição de reservas hídricas, associada a temperaturas mais elevadas, está a fazer com que os agricultores se retraiam na intenção de realização de culturas de primavera/verão e de plantações.

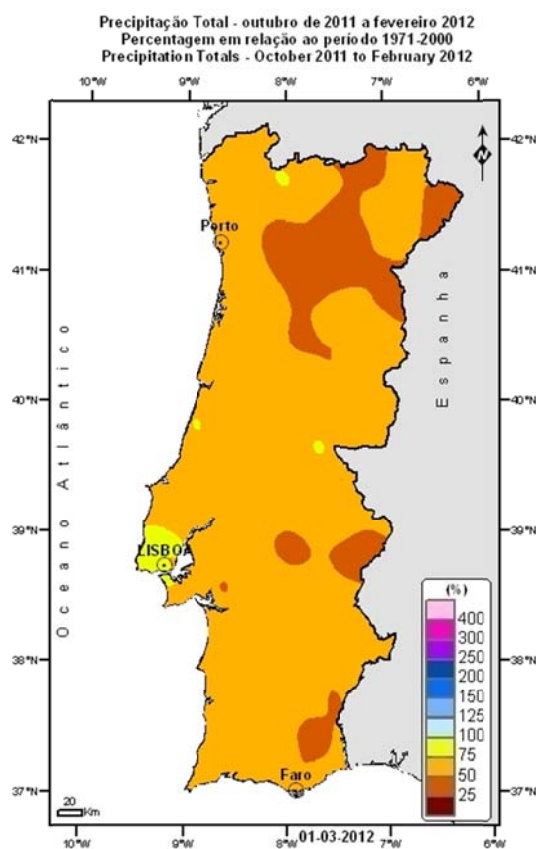
1. AVALIAÇÃO METEOROLÓGICA

Em 29 de fevereiro de 2012, de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI (Figura 1) a situação de seca agravou-se em termos de intensidade, relativamente a 15 de fevereiro, estando agora 68% do território na classe de seca severa com uma distribuição geográfica pela generalidade do território continental e 32% de seca extrema. Verificou-se um agravamento da situação de seca, com 100% do território nas classes de seca mais graves do índice PDSI.

1.1 Precipitação no Ano Hidrológico

Em termos de percentagem, em relação ao valor médio no período 1971-2000, a quantidade de precipitação acumulada entre 01 de outubro 2011 e 29 de fevereiro 2012, é inferior a 75% do normal em quase todo o território, sendo mesmo inferior a 50% em alguns locais do interior (figura 1).

Figura 1 - Percentagem de precipitação acumulada desde 01 de outubro 2011 até 29 de fevereiro de 2012 em relação à média 1971-2000



Fonte IM, I.P

Na tabela 1 e na figura 2, apresenta-se a evolução da precipitação mensal (outubro a abril) nos anos hidrológicos 2004/05, 2011/12 (outubro a fevereiro) e normal 1971-

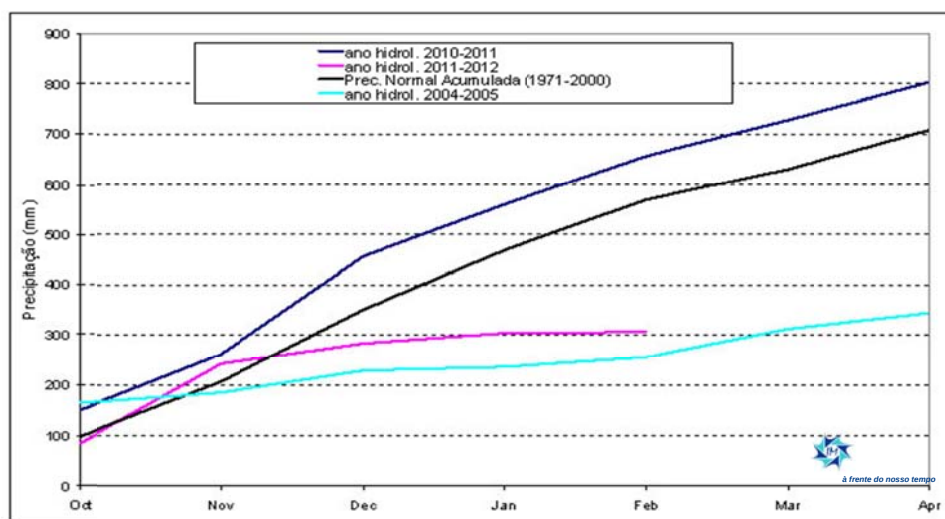
2000, verificando-se que os valores de precipitação acumulada no ano hidrológico 2011/2012 no período de 1 de outubro de 2011 até 29 de fevereiro de 2012 são muito inferiores ao respetivo valor da normal (1971-2000), em mais de 40%, mas ainda assim superiores ao que se verificava em 2004-2005.

Tabela 1 - Precipitação mensal dos anos hidrológicos (outubro a abril) de 2004-2005, 2011-2012 (até fev.) e valor médio 1971-2000

Precipitação mensal no ano hidrológico (mm)						
Ano Hidrológico	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Total
2004-2005	164.4	21	44.2	7.2	19.7	256.5
2011-2012	84.8	158.3	41.2	20.4	2.2	306.9
Normal 1971-2000	98.2	109.4	144.0	117.3	100.1	569.0

Fonte IM, I.P

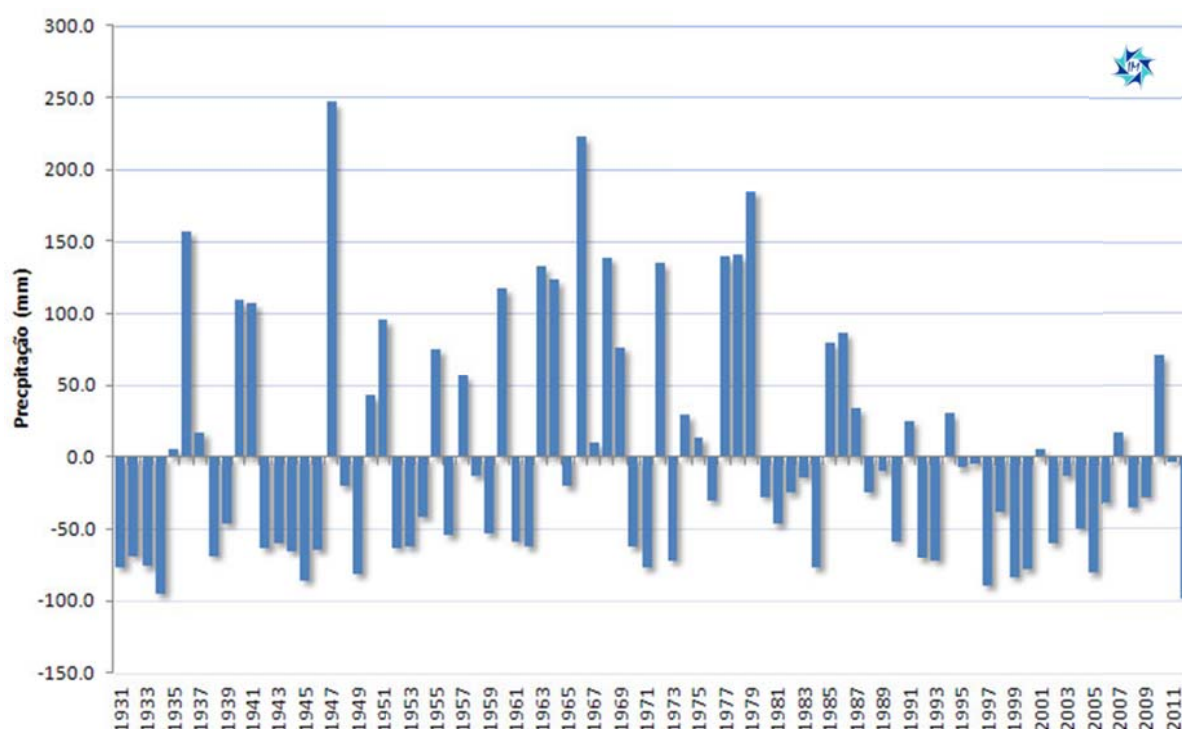
Figura 2 - Precipitação acumulada nos anos hidrológicos 2004-2005, 2010-2011 (outubro a abril) e de 2011-2012 (outubro a fevereiro) e média da quantidade de precipitação mensal acumulada (1971-2000)



Fonte IM, I.P

Em relação ao valor médio da quantidade de precipitação total no continente, verifica-se que fevereiro de 2012 foi o mais seco desde 1931 (Figura 3), com um valor médio de 2.2mm, o que corresponde a uma anomalia de -97.9mm em relação ao valor normal 1971-2000.

Figura 3 – Desvios da precipitação em fevereiro em Portugal Continental em relação à normal 1971-2000



Fonte IM, I.P

Na tabela 2 apresentam-se os 10 anos com menor valor de precipitação em fevereiro no período 1931 a 2012.

Tabela 2 – Lista dos 10 anos com menor valor de precipitação em fevereiro

Ano	Precipitação total em fevereiro (mm)
2012	2.2
1934	5.3
1997	10.8
1945	14.4
1999	17.1
1949	18.8
2005	19.7
2000	21.9
1984	23.0
1971	23.1

Fonte IM, I.P

No final de fevereiro 2012, verifica-se que em muitas estações de Portugal Continental não chovia há mais de 1 mês. Na tabela 3 apresenta-se o número de dias consecutivos com precipitação diária inferior a 1.0mm (dias secos), registados neste mês.

Tabela 3 – Número de dias consecutivos com precipitação diária inferior a 1.0mm

Estação meteorológica	Nº dias RRR<1.0mm 2012
Beja	44
Braga/ M.	41
Bragança	33
C. Branco	44
Coimbra C.	27
Évora C.C.	44
Faro	44
Lisboa/I.G.	44
Portalegre	44
Porto/P.R	27
Santarém/F.B	44
Setúbal	44
V. Real/CC	33
Viseu/CC	27

Fonte IM, I.P

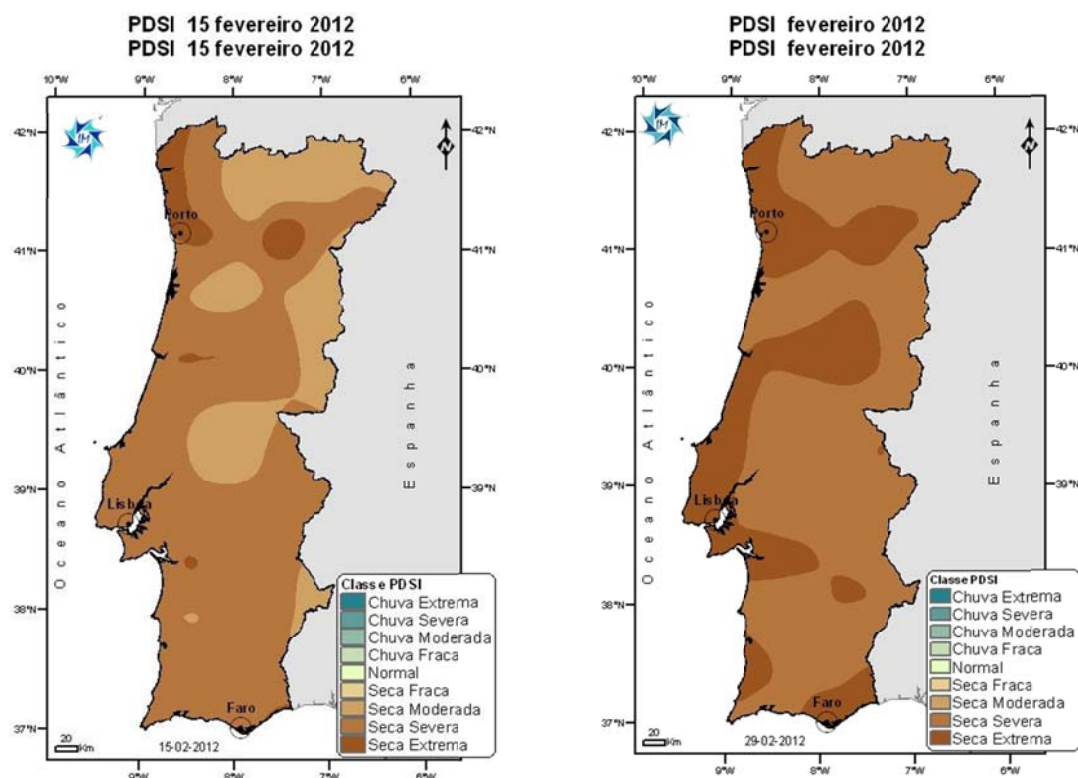
Em 29 de fevereiro de 2012, de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI (Figura 4), a situação de seca agravou-se em termos de intensidade, em relação a 15 de fevereiro, uma vez que não ocorreu precipitação em quase todo o território do Continente, atingindo-se a totalidade do território nas classes de seca mais grave: severa e extrema.

Tabela 4 – Percentagem do território em seca de acordo com o índice PDSI

Classes PDSI	% de território afetado	
	15 fevereiro 2012	29 fevereiro 2012
chuva moderada	0	0
chuva fraca	0	0
normal	0	0
fraca	0	0
moderada	25	0
severa	70	68
extrema	5	32
Total (seca severa + extrema)	75	100

Fonte IM, I.P

Figura 4 – Evolução da distribuição espacial do índice de seca meteorológica em fevereiro de 2012



Fonte IM, I.P

1.2 Comparação com as secas mais graves em Portugal Continental desde 1980

Na tabela 5 apresenta-se a evolução das percentagens de território afetado pela situação de seca meteorológica entre dezembro e fevereiro (2004/05 e 2011/12).

Tabela 5 – Percentagem de território afetado pela seca meteorológica

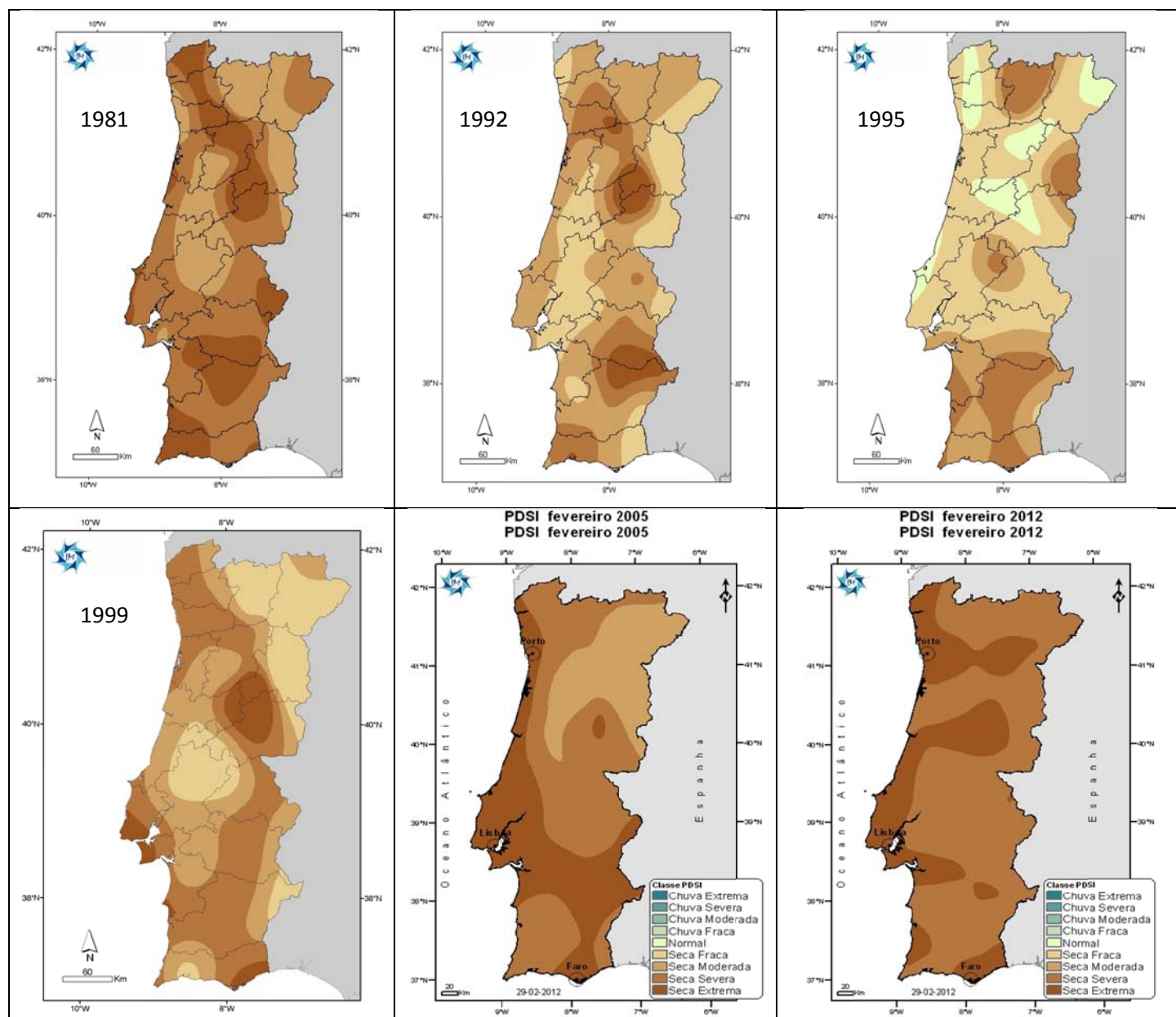
Classes PDSI	% de território afetado							
	31 dez 2011	31 dez 2005	31 jan 2012	31 jan 2005	15 fev 2012	15 fev 2005	29 fev 2012	28 fev 2005
chuva severa	0	0	0	0	0	0	0	0
chuva moderada	0	0	0	0	0	0	0	0
chuva fraca	3	0	0	0	0	0	0	0
normal	8	0	0	0	0	0	0	0
fraca	83	30	13	0	0	0	0	0
moderada	6	48	76	25	25	1	0	23
severa	0	20	11	53	70	53	68	44
extrema	0	2	0	22	5	46	32	33
Total (seca severa+extrema)	0	22	11	75	75	99	100	77

Fonte IM, I.P

Na figura 5 apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI, para as secas de 1981, 1992, 1995, 1999, 2005 e 2012, no final de fevereiro.

Verifica-se que nos últimos 30 anos, as secas de 1981 e de 2005 são as que mais se aproximam da situação de 2012, à data de final de fevereiro.

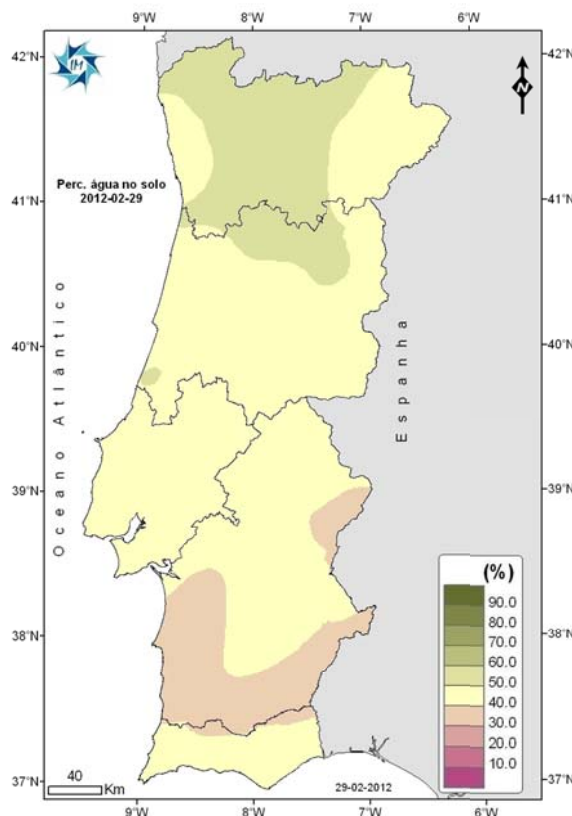
Figura 5 – Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI para as secas de 1981, 1992, 1995, 1999, 2005 e 2012 no final de fevereiro.



1.3 Teor de Água no Solo

A Figura 6 representa os valores em percentagem de água no solo, em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas em 29 de fevereiro de 2012, onde se verifica que quase todo o território já apresenta valores inferiores a 50%, sendo mesmo inferior a 40% em alguns locais da região Sul.

Figura 6 - Percentagem de água no solo em 29 de fevereiro de 2012

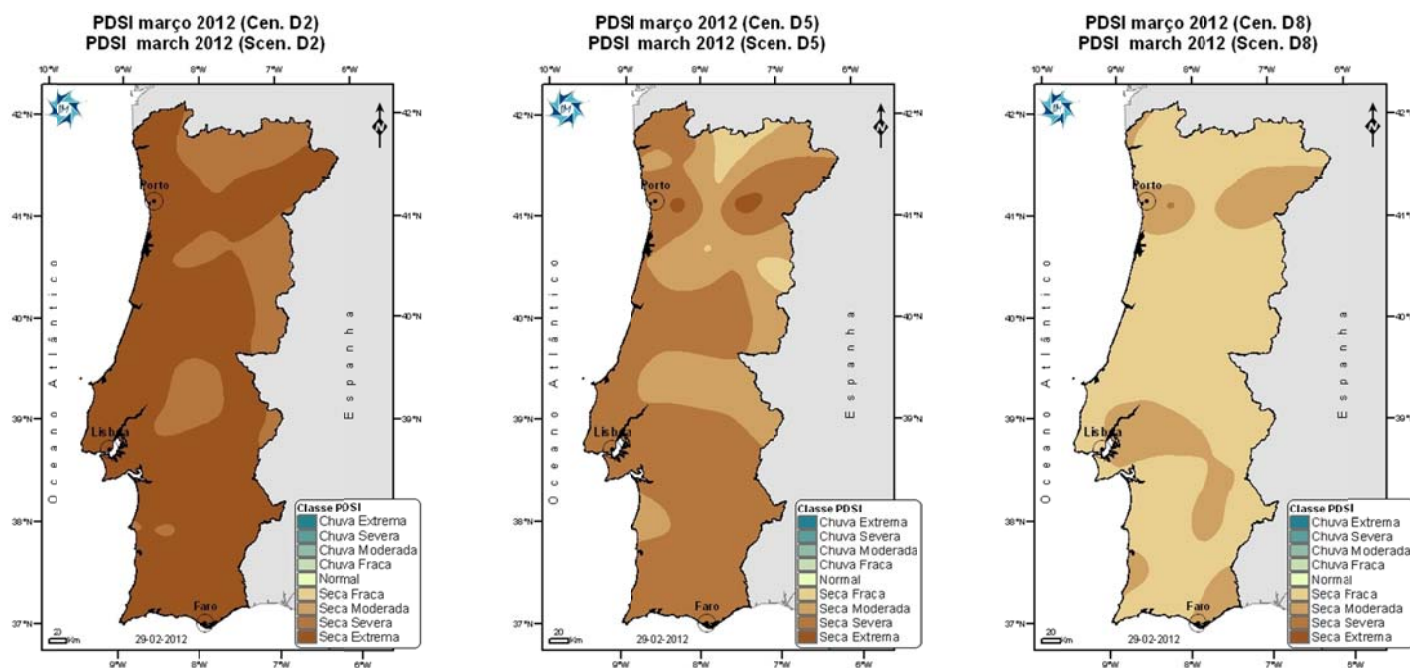


Fonte IM, I.P

1.4 Cenário de evolução da seca para março 2012

A evolução da situação de seca para o final do mês seguinte, março, tendo em conta a situação no final de fevereiro de 2012, baseia-se na estimativa do índice PDSI, para 3 cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação (Figura 7).

Figura 7 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica em 31 março 2012, para 3 cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação



Fonte IM, I.P

- Se os valores da quantidade de precipitação forem muito inferiores ao normal (Cenário 1), espera-se um acréscimo da intensidade da situação de seca, designadamente aumentando a extensão da seca extrema: 23% em seca severa e 77% em seca extrema.
- Se a quantidade de precipitação for próxima do normal (cenário 2), espera-se uma diminuição da intensidade da seca em relação a 29 de fevereiro 2012, ficando: 4% em seca fraca, 30% em seca moderada, 65% em seca severa e 1% em seca extrema.
- Se a quantidade de precipitação for muito superior ao normal (cenário 3), espera-se uma diminuição significativa da intensidade da situação de seca, no entanto esta ainda se mantém em todo o continente: 78% em seca fraca e 22% em seca moderada.

Tendo em conta a previsão mensal, que tem como base o modelo numérico do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF), na precipitação total semanal prevêem-se valores abaixo do normal, em todo o território, para as 4 semanas compreendidas entre 05/03 e 01/04.

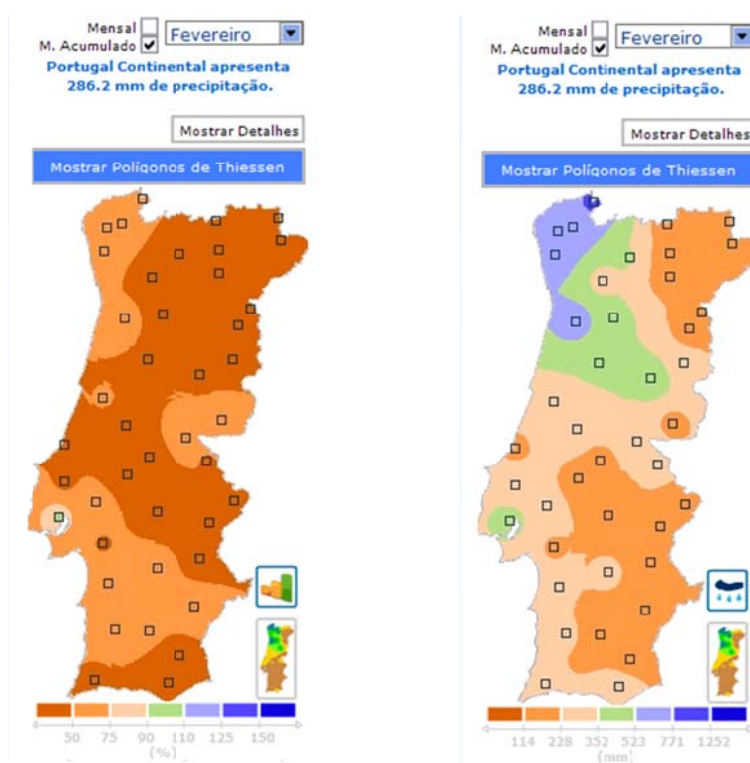
Desta forma, o cenário com maior probabilidade de acontecer no final de fevereiro, é o que prevê quantidades de precipitação correspondentes ao decil 2 nas regiões a norte do sistema Montejunto-Estrela, pelo que será mais provável o não agravamento da situação de seca meteorológica.

2. AVALIAÇÃO HIDROLÓGICA

2.1 Recursos hídricos disponíveis

A informação que se segue foi obtida a partir do Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH).

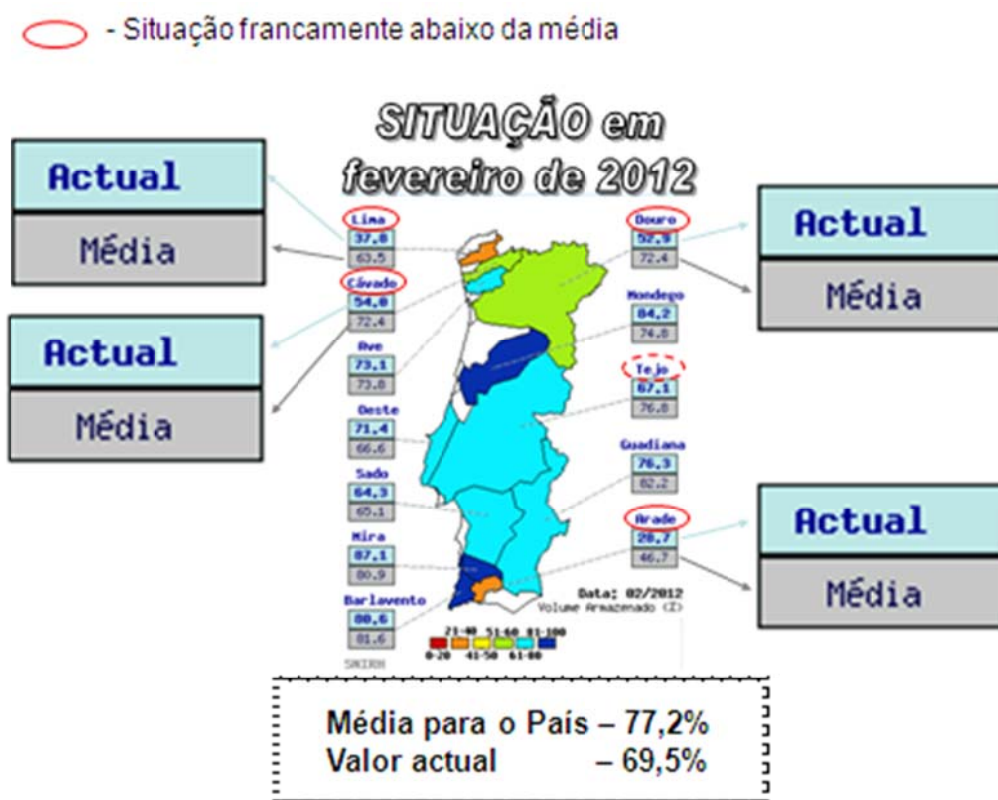
O sistema de monitorização dos recursos hídricos nacionais é suportado por uma base de dados preparada para armazenar e divulgar publicamente dados hidro-meteorológicos e de qualidade da água (superficial e subterrânea), recolhida na rede de monitorização de recursos hídricos do MAMAOT1. A rede de monitorização é composta por estações automáticas e convencionais, estando algumas equipadas com teletransmissão.



Os totais de precipitação acumulados desde o início do ano hidrológico até ao final de fevereiro apresentam desvios em relação ao valor médio para a maioria do território continental superiores a 50% (figura acima, à esquerda).

¹ Ver portal do sistema <http://snirh.pt>

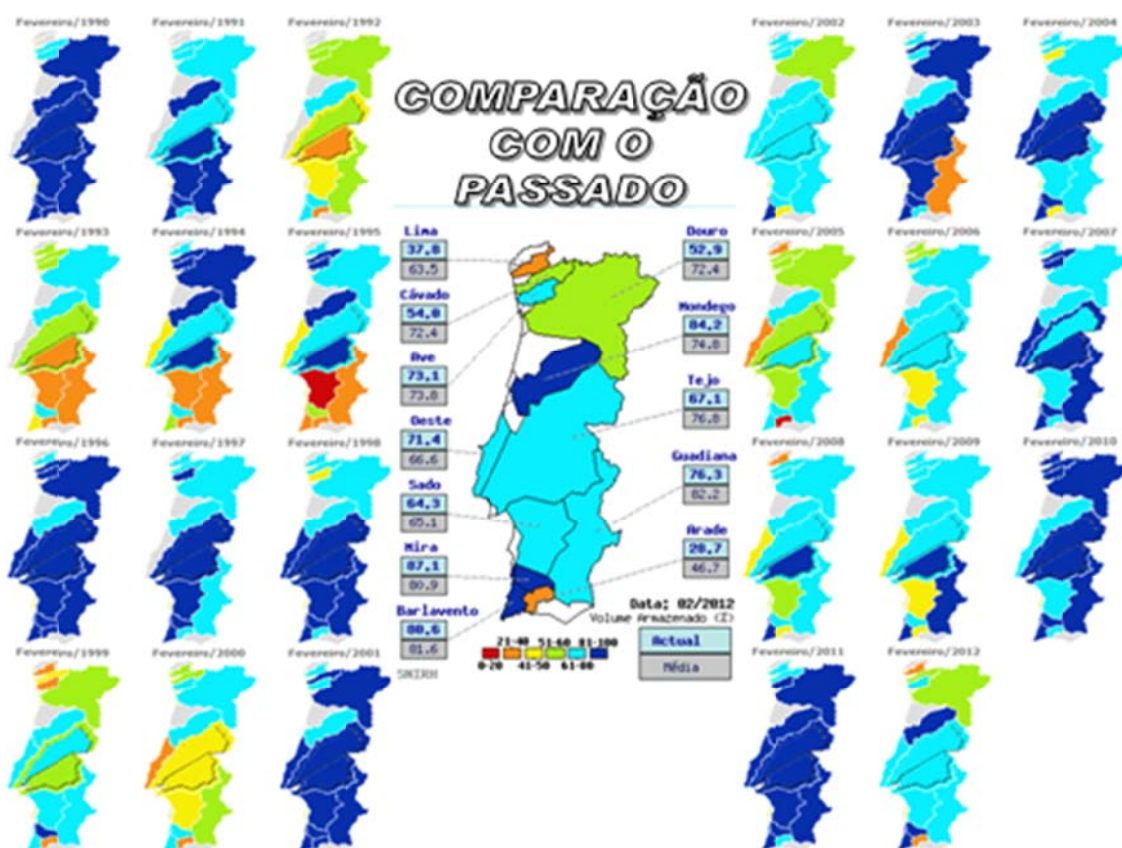
As zonas mais afetadas são as correspondentes à bacia do Douro (tanto afluentes da margem direita como da esquerda, as zonas de Cabeceira do Zêzere, bacia do Lis (no Oeste), bacia do Sorraia, Caia e Degebe (afluentes da margem direita do Guadiana), e as bacias da região do Algarve.



Da capacidade em albufeiras de grande e médio porte, da ordem dos 11 km³, cerca de 7,5 km³ estão preenchidos no final de fevereiro, correspondendo a cerca de 70% de enchimento, ligeiramente abaixo dos 77% espectáveis em média no final desse mês.

A variação espacial desse armazenamento apresenta como maiores desvios à condição média, as bacias do Lima, Cávado, Douro e Arade, contudo estes casos não são preocupantes. Na bacia do Arade, o primeiro enchimento da albufeira de Odelouca, permite já ter armazenados 100 hm³, que são uma reserva estratégica significativa.

A nível dos pequenos armazenamentos (inferiores à dezena de hectómetros cúbicos) as zonas mais deplecionadas são as do interior, especialmente na zona do Nordeste Transmontano onde os totais de precipitação desde outubro de 2011 até ao final de fevereiro de 2012 variam, apenas, entre os 100 e 200mm.



2.2 Convenção luso-espanhola

A nível dos caudais vindos de Espanha e sua perspectiva de evolução futura, já terminou o período de avaliação da hipótese de derrogação dos mínimos previstos na Convenção de Albufeira para a bacia do Guadiana e, face ao volume armazenado nas principais albufeiras espanholas dessa bacia, não irá haver qualquer exceção. O volume anual a transitar para Portugal será de 400 hm³ ditado pela fraca precipitação ocorrida.

A nível da bacia do Tejo, apenas em Abril será identificada a derrogação dos volumes anuais, mas a nível semestral e semanal já existem derrogações: o trimestre de janeiro a março junto à fronteira e todo o primeiro semestre para a zona do estuário do Tejo. Ainda assim, no primeiro caso foram mantidos todos os valores mínimos trimestrais e semanais, mesmo no período derogado (à exceção da semana de 13 a 19 de fevereiro), e no segundo caso também foram mantidos todos os volumes trimestrais com apenas três semanas de volume acrescido na parte portuguesa da bacia inferior aos 3 hm³ acordados. Mas relembra-se, todos estes períodos se encontram derogados face à fraca precipitação ocorrida na parte portuguesa bacia e na parte espanhola junto à fronteira.

3. IMPACTO NA AGRICULTURA – Avaliação Regional

Com o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) é já possível apresentar estimativas de variação de áreas de culturas temporárias registadas nesta campanha e quebras de produtividade de várias atividades agrícolas. Os valores previstos encontram-se em tabelas em anexo.

A maior parte desta informação, como não se reporta a culturas para as quais esteja implementado um processo de acompanhamento estatístico das suas áreas e produções, obrigou as DRAP a um esforço de estabelecimento de metodologias que conduzissem a resultados com credibilidade técnica.

Os apuramentos apresentados reportam-se a 29 de fevereiro e as avaliações incidem sobre a segunda quinzena deste mês.

Segue-se, à semelhança do adotado no primeiro relatório, a apresentação da descrição do estado das culturas, efetuada por região e por grupo de culturas.

3.1 Região Norte

A falta de água no solo, o excesso de frio e as fortes geadas têm condicionado o desenvolvimento normal dos prados e pastagens, as ferrãs e os cereais de outono/inverno. A falta de água nestas culturas está a inibir a germinação, o crescimento, o afilhamento e o seu normal desenvolvimento vegetativo.

Em algumas zonas, as batatas temporãs ainda não foram plantadas.

Na atividade pecuária está a verificar-se o esgotamento das reservas de alimentos grosseiros para os animais.

A não reposição das reservas hídricas começa a levantar grandes preocupações quanto às disponibilidades de água para rega. Se as temperaturas começarem a subir, podem surgir situações em que os agricultores não vão arriscar efetuar as sementeiras de primavera.

3.1.1 Prados, Pastagens, Culturas Forrageiras e Cereais de Outono/ Inverno

Os prados, pastagens e culturas forrageiras têm sido das culturas mais prejudicadas pelas condições climatéricas, sobretudo a ausência de chuvas e as fortes geadas têm afetado o seu desenvolvimento vegetativo. Nesta altura apresentam um aspeto acastanhado, seco e sem crescimento.

Os alimentos grosseiros (fenos, palhas e silagens) para o efetivo pecuário, armazenados nas explorações, estão a ser gastos e os agricultores forçados a assumirem encargos adicionais, para garantirem a normal alimentação dos seus animais. Estima-se um aumento do consumo de alimentos grosseiros, entre 30 a 50%,

relativamente a um ano normal e um aumento de 20 a 30% na compra de concentrados (rações industriais). O acréscimo na procura destes alimentos está a provocar a subida do seu preço. Os preços dos fardos de palha e feno aumentaram cerca de 30%.

Alguns produtores com disponibilidade de água começaram a regar as pastagens, para poderem fornecer alimentos em verde aos animais. A disponibilidade de água, sobretudo para rega de lima, é cada vez menor.

Relativamente aos cereais de outono/inverno, verifica-se um grande atraso no seu desenvolvimento vegetativo, comparativamente a um ano normal. Existem situações em que, se não ocorrer precipitação nas próximas semanas, as searas estarão irremediavelmente perdidas.

À medida que a situação da seca se tem agravado e as disponibilidades forrageiras diminuído, tem-se verificado o pastoreio em algumas searas, cuja função inicial era a produção de grão.

Em suma, neste momento, pode dizer-se que estamos na presença de um mau ano agrícola, sobretudo para as explorações pecuárias e para os agricultores que se dedicam à produção de forragens e pastagens, sendo que, em algumas zonas, se preveem quebras na ordem dos 40%.

3.1.2 Sementeiras/Plantações e Recursos Hídricos

A continuação do tempo seco criará também dificuldades para a realização de operações culturais, como a adubação de cobertura, que normalmente ocorre no final do inverno/princípio da primavera.

As reservas hídricas encontram-se em níveis inferiores aos do ano anterior. Tem havido necessidade de efetuar regas que, num ano normal, não ocorreriam nesta altura. Neste contexto, poderão surgir situações em que os agricultores não vão arriscar efetuar as suas sementeiras ou plantações, dadas as perspetivas de indisponibilidade de água para o efeito.

3.1.3 Citrinos, outras culturas arbóreas e Hortícolas

A produção dos pomares de citrinos foi afetada pelas condições climatéricas, tanto em termos quantitativos como qualitativos.

A floração das amendoeiras encontra-se atrasada. A sua evolução vai depender das condições hídricas futuras.

Nas culturas hortícolas, nomeadamente, batata primor, feijão e couves, verificaram-se dificuldades na germinação e desenvolvimento que poderão determinar quebras de produção entre 20 a 40%

3.1.4 Produção Pecuária e Biomassa Piscícola

O aumento no consumo dos alimentos grosseiros armazenados e a maior utilização de concentrados, preocupa os agricultores devido ao aumento dos custos de produção para as explorações pecuárias. Esta situação pode conduzir, em casos limite, à alienação ainda que parcial, dos efetivos. No setor apícola, as condições de seca e frio, levaram os apicultores a alimentar de forma sistemática os seus efetivos. É de referir, que a alimentação de colónias não é prática comum na apicultura nacional.

A menor quantidade de água das albufeiras tem provocado uma degradação das condições físicas dos peixes. Deverá ser necessário uma intervenção para diminuir a biomassa piscícola. A diminuição do caudal no rio Minho, está a condicionar a captura da lampreia.

3.1.5 Risco de Incêndios

O tempo seco está a originar um aumento progressivo do estado de secura do coberto vegetal, indicador da facilidade dos processos de ignição e propagação dos incêndios, situação que já tem reflexo no aumento do número de incêndios em espaços florestais, agrícolas e incultos.

3.2 Região Centro

Relativamente à produção, as áreas afetadas pela seca concentram-se sobretudo no interior da região centro.

Verifica-se uma quebra generalizada da produtividade em todas as culturas temporárias, com especial incidência nas zonas do interior.

Ainda não é possível estimar os efeitos nas culturas permanentes.

Relativamente ao consumo de fatores de produção registou-se uma quebra significativa na utilização de fertilizantes, sobretudo de cobertura nas culturas temporárias, devido à inexistência de condições de aplicação.

Há indícios de maior consumo de água e energia em todas as culturas, sobretudo nas zonas do interior.

Verificou-se um aumento generalizado do consumo de suplementos de alimentação animal, com maior expressão nos sistemas extensivos.

Houve um ligeiro aumento nos preços dos fatores de produção das culturas temporárias, particularmente os relacionados com água e energia para rega, e um aumento mais acentuado nos preços dos suplementos alimentares da pecuária, sobretudo fenos e palhas, entre os 10 e os 80%, consoante as zonas, resultando essencialmente das condicionantes de mercado relacionadas com intermediação (nº de operadores).

As situações tenderão a sofrer agravamentos caso persista a ausência de precipitação, quer pelo lado da quebra da produção, quer pelo lado do esgotamento de *stocks* para a alimentação pecuária e consequentes efeitos nos preços.

3.2.1 Prados, Pastagens e Culturas Forrageiras

O estado do tempo agravou-se e tem impedido o normal crescimento de prados, pastagens e culturas forrageiras (quase nula na Beira Serra e no Baixo e Riba Côa), observando-se uma fraca produção de massa forrageira, o que tem levado a um considerável aumento do recurso a rações industriais e a silagens, bem como das reservas de palhas e fenos armazenados para alimentação das diferentes espécies pecuárias. Estas reservas encontram-se, em muitas situações, quase esgotadas (Pinhal e Baixo Mondego).

A alimentação das diferentes espécies pecuárias já se faz com algumas dificuldades.

Os elevados custos das rações constituem uma sobrecarga de encargos para os agricultores. Na Campina e Campo Albicastrense está a fornecer-se aos ovinos e caprinos de leite e às vacas aleitantes alimento seco, em detrimento de componente verde, o que está a afetar a produção leiteira dos pequenos ruminantes. O mesmo não acontece com os bovinos de leite, pois estão a ser alimentados com silagem e pastagens de regadio.

A escassez de oferta de feno e o aumento da sua procura está a provocar aumentos significativos do seu preço, que chegou a atingir 80%.

3.2.2 Cereais de Outono/Inverno

De um modo geral, verifica-se um atraso na germinação e desenvolvimento vegetativo destas culturas, dificilmente recuperável, e que apenas é atenuado nas zonas mais húmidas. Algumas searas apresentam mesmo um mau aspeto vegetativo. Esperam-se quebras na produção da ordem de 10 a 50%.

Prevê-se o desvio de áreas semeadas com o objetivo de produção de grão para forragem ou mesmo pastoreio direto (Beira Serra, Cova da Beira e Campina e Campo Albicastrense).

3.2.3 Citrinos e Hortícolas

Os pomares de citrinos, de uma maneira geral, apresentam bom estado vegetativo, boas produções e frutos com qualidade. No Riba e Cimo Côa começou a verificar-se a queda dos frutos devido à seca. Na Campina e Campo Albicastrense há pomares que estão a ser regados. No Pinhal Sul estima-se um acréscimo de produção de limão de 5%.

As culturas hortícolas no Baixo Vouga já se ressentem da falta de humidade (couves, grelos e nabos), na Campina e Campo Albicastrense também e no Baixo e Cimo Côa a área atingida pode aproximar-se dos 1500 hectares.

3.2.4 Recursos Hídricos

Regista-se falta de água nos poços e charcas e não reposição dos lençóis freáticos (Baixo Vouga, Alto e Baixo Mondego, Cimo e Riba Côa).

Na Cova da Beira as nascentes apresentam caudais iguais aos do verão, pela não reposição dos lençóis freáticos.

3.3 Lisboa e Vale do Tejo

3.3.1 Prados, Pastagens e Culturas Forrageiras

Os prados, pastagens e culturas forrageiras apresentam, em geral, um mau estado vegetativo e uma reduzidíssima produção de matéria verde que, já há algum tempo, não satisfaz as necessidades alimentares dos efetivos animais, devido ao grande *stress* hídrico e geadas a que têm sido sujeitas, obrigando os produtores a recorrer à aquisição de rações industriais, fenos, palhas e silagens.

Os preços das palhas, fenos e silagens revelam tendência acentuada para subir.

Nas “zonas de charneca”, para além do referido, devido à seca extrema nos prados e pastagens, estão criadas condições para a ocorrência de incêndios.

O recurso a rações industriais está a aumentar e a encarecer a produção.

Devido a esta situação tem-se assistido à tentativa de venda de mais cabeças de gado por parte dos produtores, para assim diminuir os seus encargos. Por sua vez, os compradores de gado estão a manifestar menor interesse na compra de animais e a oferecerem preços mais reduzidos.

As forragens anuais, as pastagens de sequeiro e a pecuária extensiva são as atividades que se estão a ressentir mais com a falta de água, sendo a situação atual bastante preocupante, e a agravar-se de dia para dia.

3.3.2 Cereais de outono/inverno

As culturas instaladas há mais tempo germinaram bem, o mesmo não acontecendo com as das sementeiras mais recentes, uma vez que a emergência das sementes tem sido dificultada, em muitos casos, pela crosta superficial que se formou nos solos. Houve produtores que, entretanto, desistiram de fazer as sementeiras.

Em ambas as situações o aspeto vegetativo das culturas é muito fraco. Também as fortes geadas ocorridas têm contribuído para o enfraquecimento e destruição de algumas plantas que ficaram queimadas e irre recuperáveis.

Nas “zonas de bairro e charneca”, a grande maioria das áreas de cereais estão dadas como perdidas pois as plantas não se desenvolveram, havendo produtores que já preparam os terrenos para as culturas de primavera/verão.

No caso da aveia e do centeio estima-se uma manutenção da área em relação ao ano anterior, enquanto se prevê uma redução de 5 a 10% no trigo e no tritcale e de 10% na cevada.

3.3.3 Citrinos e Hortícolas

O aspeto e o desenvolvimento vegetativo dos pomares de citrinos podem-se considerar normais, assim como a qualidade da produção, em especial nos que são regados. No Médio Tejo os pomares já são regados desde o início deste mês.

Nos pomares de sequeiro o efeito da ausência de precipitação e das baixas temperaturas já provocou a queima de alguns frutos.

Na instalação de novas culturas a falta de humidade está a dificultar a emergência das sementes e o pegamento das plantações, devido à formação de uma crosta superficial. No caso da batata, os produtores, em especial os da região do Oeste, anteciparam as plantações, dado temerem a continuação da ausência de precipitação por muito mais tempo. As culturas hortícolas de ar livre e de estufa têm sido bastante afetadas, mais pelo efeito das baixas temperaturas, que têm conduzido à formação de geada branca e também de geada negra, do que propriamente pela falta de água. Os prejuízos verificados com maior gravidade surgiram na região do Oeste e afetaram principalmente as culturas da batata, das brássicas e do tomate de estufa.

3.3.4 Recursos hídricos

O nível atual (Março/2012) dos recursos hídricos subterrâneos, na zona de “campo”, de momento, não é preocupante, pois são semelhantes aos do mês de Maio do ano anterior.

3.4 Alentejo

As fracas precipitações acumuladas até ao momento começam a ameaçar seriamente a próxima campanha de regadio, nomeadamente das culturas mais exigentes em água. Se nos sistemas de rega coletivos estatais a situação ainda não é muito preocupante, nas barragens privadas a situação é grave porque as reservas foram, de um modo geral, esgotadas na campanha anterior.

3.4.1 Prados, Pastagens e Culturas Forrageiras.

O estado do tempo continuou a influenciar negativamente o crescimento e produção de massa verde nos prados, pastagens e culturas forrageiras. O seu aspeto vegetativo é bastante fraco e insuficiente para a alimentação dos efetivos pecuários que estão a ser criados principalmente com as forragens colhidas e armazenadas no ano agrícola anterior (palhas, fenos e silagens) e com as ramas das podas dos montados e olivais.

Algumas explorações já esgotaram as suas reservas, estando desde há algum tempo a adquirir palhas e fenos no exterior, bem como alimentos compostos.

As culturas forrageiras anuais semeadas mais cedo germinaram bem, mas devido à permanente ausência de precipitação, ventos moderados a fortes e geadas contínuas têm tido um desenvolvimento muito fraco, comprometendo a possibilidade de pastoreio e a obtenção de massa verde para a produção de alimentos para conservar, fundamentais para fazer face à suplementação do próximo outono/inverno. As sementeiras efetuadas a partir do início de dezembro germinaram muito mal, estando, em muitos casos, perdidas.

3.4.2 Cereais de Outono/Inverno

O estado vegetativo dos cereais praganosos encontra-se fraco, sobretudo nas searas das encostas e dos solos mais fracos. Nalguns destes locais as searas já estão perdidas.

As culturas instaladas mais cedo germinaram bem e desenvolveram-se normalmente até ao aparecimento das primeiras geadas. Se se mantiver a ausência de precipitação, as produções de grão e palha poderão estar comprometidas.

As sementeiras efetuadas a partir do início de dezembro, especialmente trigo e cevada dística, tiveram uma má germinação. Alguns produtores optaram mesmo por não semear ou não concluir as sementeiras.

3.4.3 Citrinos

O volume de produção deverá ser inferior ao do ano anterior, quer em quantidade, quer em qualidade. Devido à ausência de precipitação tem havido necessidade de efetuar regas. Verificam-se muitas dificuldades no escoamento da produção.

3.4.4 Disponibilidade de água - regadios privados e abeberamento

Nas Barragens de grande e média dimensão, o volume de armazenamento situa-se entre os 50% e os 70%, não colocando em risco o abeberamento dos efetivos pecuários, podendo vir a ser afetada a próxima campanha de regadio de primavera/verão, particularmente nas explorações que estão agora a regar as culturas de outono-inverno.

Nas barragens de pequena dimensão e charcas, o volume de armazenamento varia entre os 30% e os 50%. São barragens com bacias menores, sem reposição de água e com perdas consideráveis (evaporação e infiltração). Neste momento estão a ser utilizadas para rega de culturas de outono-inverno e abeberamento de efetivos pecuários. Existe o risco que não tenham água suficiente para a próxima campanha de primavera/verão.

3.4.5 Alimentos grosseiros para alimentação animal

Relativamente à quinzena anterior, verificou-se uma ligeira subida dos preços, tendo-se registado os seguintes valores:

	Unidade:€/kg		
	Palhas	Fenos	Silagem
Alentejo Central	0.10 a 0.12	0.12 a 0.14	0.08 a 0.12
Alentejo Norte	0.09 a 0.11	0.14 a 0.17	0.08 a 0.10
Alentejo Sul	0.07 a 0.10	0.10 a 0.15	n.d
Alentejo litoral	0.11 a 0.13	0.10 a 0.12	0.08 a 0.10

As reservas de alimentos conservados (palhas, fenos e silagens) estão praticamente esgotadas.

As transações de palhas, fenos e silagens têm aumentado e sobretudo, é notório o aumento da procura e a prospeção de mercado por parte dos produtores pecuários. A grande parte das palhas e fenos comercializados provêm da região e de concelhos limítrofes, registando-se já alguns casos de palha adquirida em Espanha (região de Burgos).

Para fazer face às necessidades alimentares dos efetivos, aumenta o recurso a alimentos compostos ou subprodutos (levedura de cerveja, bagaço de girassol) e a tacos, tentando obter-se a dieta mais equilibrada ao menor custo. Estima-se que uma dieta de manutenção para uma vaca aleitante não ficará por menos de 1,90€/dia e a de uma ovelha adulta por 0,30€/dia.

Muitos produtores, tendo em conta o acréscimo de custos envolvido, reduziram a suplementação dos seus efetivos ou passaram a permitir o pastoreio direto em aveias semeadas que agora estão irrecuperáveis, com ou sem adubação de cobertura. De uma forma geral a condição corporal dos animais, particularmente bovinos, é frágil (magras, pouco leite, bezerros mal nutridos), existindo o risco de comprometer a criação dos bezerros que estão a ser amamentados como também a fertilidade do efetivo.

3.5 Algarve

3.5.1 Prados, pastagens e culturas forrageiras

Observa-se fraco desenvolvimento vegetativo e rápida deterioração dos prados e das pastagens. Algumas pastagens semeadas um pouco mais tardiamente, não germinaram ou secaram logo de seguida.

A ocorrência de temperaturas noturnas baixas e o aparecimento de fortes geadas influenciou também negativamente o desenvolvimento das pastagens. Considera-se como diminuta a hipótese de rebentação, crescimento e subsistência dos prados e das pastagens de sequeiro.

As disponibilidades forrageiras foram insuficientes para as necessidades dos efetivos pecuários, tendo-se verificado que muitos criadores tiveram que recorrer aos consumos de palhas e de fenos armazenados ou comprados e de rações industriais, sobretudo nas explorações com um maior efetivo animal.

Nas situações em que as palhas e os fenos armazenados estão a acabar, os produtores adquirem palha vinda do Alentejo, com preços na ordem dos 2,5 a 3 euros por fardo

de 18 kg, atingindo mais recentemente o preço de 3,5 euros/fardo, ou seja, 0,194 euros/kg. Parece haver uma tendência para a subida de preços dos materiais enfardados.

São muitos os produtores que manifestam intenção de vender os animais para fazer face aos custos acrescidos.

Os produtores que pretendiam aumentar os efetivos no presente ano, já desistiram dessa pretensão por não estarem reunidas as condições necessárias e satisfatórias para o fazerem.

Os animais que habitualmente bebiam água em ribeiras ou barrancos necessitam agora de ser abeberados em recipientes próprios para o efeito, havendo necessidade de se proceder ao transporte da água, o que acarreta aumento de custos de produção.

3.5.2 Cereais de Outono/Inverno

De acordo com a última estimativa, comparativamente com o ano anterior, constata-se aumento das áreas de sementeira da aveia de 5% no Barlavento e 10% no Centro e a manutenção das áreas no Sotavento.

Nos restantes cereais há aumentos das áreas semeadas no trigo mole de 10% e de 5% no tritcale. Na cevada estimam-se aumentos de área de sementeira de 5% no Barlavento e 10% no Centro e Sotavento.

Os cereais semeados mais tardiamente, nalguns casos não germinaram, noutros acabaram por ter fraca germinação.

O estado vegetativo da aveia é mau e apresenta um aspeto amarelecido, começando a secar. Alguns produtores que são também criadores de gado começaram a colocar os animais a pastar em algumas parcelas que se destinavam à obtenção de grão e palha, por nesta altura já terem fracas reservas de alimentos.

3.5.3 Citrinos

Os pomares, de uma forma geral, foram muito afetados pelas geadas, o estado vegetativo foi fortemente prejudicado, estimando-se uma quebra de produção significativa ainda não totalmente quantificável sobretudo, nas variedades de meia estação e tardias, realçando que parte significativa da produção das variedades temporãs já estava colhida no período das geadas.

3.5.4 Alfarrobeira

Registaram-se algumas situações em que os frutos recentemente vingados, ou algum candeio tardio do alfarrobal foi afetado, tendo comprometido a produção de 2012, sobretudo nas zonas em que ocorreram temperaturas mínimas negativas bastante baixas.

3.5.5 Horticultura

Registam-se prejuízos causados pelas geadas na horticultura de ar livre, com destaque para as culturas da fava, ervilha e batata.

Estimam-se prejuízos em cerca de 50% da área das estufas da região com especial relevância nos concelhos de Faro e Olhão.

De uma forma geral na horticultura em estufa, nomeadamente para o tomate, pimento, pepino, feijão e melão, os prejuízos causados pela geada negra são avultados.

A horticultura em estufa aparece em terceiro lugar em termos do volume de prejuízos e, de forma geral, nas áreas afetadas os produtores manifestam ainda intenção de efetuar novas plantações.

4. OUTROS IMPACTOS

4.1 Fitossanidade e seca

Embora a situação fitossanitária, não cause preocupações nesta fase, é necessário assinalar que a DGADR recomenda a antecipação da colocação de armadilhas e dispositivos para registo dos níveis populacionais das pragas e das observações que são realizadas pelos técnicos das Estações de Avisos nos Postos de Observação Biológicos.

Para um melhor esclarecimento sobre o procedimento que leva à emissão dos avisos agrícolas através de Circular de Avisos - será transmitido ao agricultor em tempo útil, para que a cultura se mantenha protegida. A circular de avisos contempla os elementos necessários que permitem ao agricultor intervir, atempadamente e de um modo racional. Nela constará a cultura a proteger e o momento oportuno para combater os diferentes inimigos das culturas (pragas/doenças/infestantes), bem como a indicação dos meios de luta disponíveis (luta cultural, biológica, química, etc.). No âmbito da luta química são indicados os produtos fitofarmacêuticos homologados para cada finalidade (cultura /inimigo).

5. CONSULTAS AO SETOR E MEDIDAS

No âmbito da reunião do Grupo de Acompanhamento de 5 de Março foram auscultadas cinco organizações de agricultores. As organizações ouvidas foram a CONFAGRI, CNA, CAP, AJAP e CNJ.

Revelou-se de grande utilidade para o ministério a transmissão das principais preocupações destas entidades, bem como as sugestões que posteriormente enviaram, com indicação das medidas a tomar para colmatar ou atenuar as consequências da seca no rendimento dos agricultores, em relação às quais se está a prestar a maior atenção e a proceder á respetiva avaliação.

As medidas recomendadas incidem, nomeadamente, no apoio à atividade de pecuária extensiva, na antecipação de ajudas, no apoio a investimentos relacionados com estruturas de regadio, na flexibilização ou derrogação de regras impostas por medidas de política, na redução ou adiamento de pagamento de encargos fiscais ou de outras taxas. De realçar também a referência a que em Portugal as companhias de seguros não aderem a seguros agrícolas para secas e a necessidade de organização de ações de carácter estrutural com implicações no futuro.

De acordo com as medidas de mitigação dos efeitos da seca, já indicadas no primeiro relatório, e dos contributos agora enviados pelas organizações de agricultores, estão a ser formalizados um conjunto de medidas, no quadro dos apoios aos agricultores, e em derrogações de carácter administrativo.

Destaca-se, neste âmbito, os contactos com a Comissão Europeia e o agendamento, de um ponto sobre os efeitos da seca em Portugal, nos Conselhos de Ministros do Ambiente (a 9 de março) e da Agricultura (nos próximos dias 19 e 20 de março).

ANEXOS

VARIAÇÃO DA ÁREA SEMEADA (%)

Culturas	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras	0	0 a -15	-30	0	0
Prados	0	0	0	0	0
Pastagens	0	0	0	0	0
Pastagem Natural					
Cereais Outono/Inverno:					
Trigo mole	-7	-5 a +5	-5 a -10	-10	-2
Trigo duro			-5 a -10	-7	0
Triticale		-5 a -25	-5 a -10	-7	20
Aveia	-1	-10 a +5	0	0	-63
Centeio	-2	-10 a -5	0	5	-64
Cevada	-2	-10 a -5	-10	-12	-33
Batata:					
Batata sequeiro	-50	-50 a +5	-30		-59
Batata regadio		15	-10		-27
Hortícolas ar livre:		15			
Favas					7
Ervilhas					-27
Grelos Couve					
Brássicas	0		-30		
Cenouras	0		-30		
Hortícolas Estufa:					
Tomate					-10
Feijão-verde					-6
Pimento					-15
Pepino					-1
Melão					-19
Flores:					
Estufa			0		
Ar Livre			-20		

Nota: Variação % em relação ao valor normal - Considera-se valor normal o valor médio do quinquénio 2006/07 a 2010/11

QUEBRA NA PRODUTIVIDADE (%)

Culturas	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras	40 a 50	50 a 90	60	50	50
Prados	40 a 50	40 a 90	60	80	75
Pastagens	40 a 50	50 a 90	60	50	65
Pastagem Natural				80	
Cereais Outono/Inverno:					
Trigo mole		20 a 60	40	50	50
Trigo duro			40	50	50
Triticale		40 a 50	40	50	50
Aveia		20 a 50	40	40	45
Centeio		30 a 50	40	30	45
Cevada		20 a 50	40	50	50
Batata:					
Batata sequeiro	30	10 a 50	40		50
Batata regadio			10		5
Hortícolas ar livre	30	10			
Favas					40
Ervilhas					40
Grelos Couve		45			
Brássicas			30		
Cenouras			30		
Hortícolas Estufa:	20				
Tomate					
Feijão-verde					
Pimento					
Pepino					
Melão					
Flores:					
Estufa			0		
Ar Livre			40		
Culturas Permanentes					
Citrinos		20	10		10
Vinha			25		20
Prunoideas			0		10
Subtropicais			0		5

Nota: Variação % em relação ao valor normal - Considera-se valor normal o valor médio do quinquénio 2006/07 a 2010/11